

TERROR EM MICROCONTOS

Carlos Henrique Lima de Souza (UVA)
carlinhossouzalima@yahoo.com.br

RESUMO

O microconto é um tipo de escrita que se intensificou há pouco tempo em *blogs*, *twitter* e outras redes sociais devido a rapidez do mundo contemporâneo. O site *Reddit* propôs um desafio aos usuários, eles deveriam escrever histórias de terror em até duas orações. Vinte microcontos enviados circulam pela internet como os melhores, este trabalho tem como objetivo analisar o melhor microconto. Para selecioná-lo realizou-se uma pesquisa via *Facebook* e *WhatsApp* onde se pediu para que classificassem os microcontos com 6 estrelas para ótimo, 5 estrelas para muito bom, 4 estrelas para bom, 3 estrelas para regular, 2 estrelas para ruim, 1 estrela para muito ruim, o vencedor foi analisado segundo os critérios sugeridos por Damiana Maria de Carvalho (2016). Como o tema proposto pelo site era o terror, realizou-se uma pesquisa a fim de criar a “*Enciclopédia do Terror*” para a qual utilizamos os temas que aparecem na literatura, no cinema e na música que tratam do assunto.

Palavras-chave: Microcontos. Literatura Fantástica. Terror.

1. Introdução

A nossa primeira forma de comunicação foi oral, quando a escrita surgiu, não havia espaços entre as palavras, pois quando falamos não colocamos espaços entre as palavras, a fala era simplesmente transcrita do modo que os ouvidos diziam para escrever, a ordem das palavras também não era levada em consideração. Por isso, a leitura era lenta e em voz alta. De acordo com Nicholas G. Carr (2011, p. 75) “a forma básica do cérebro não mudou muito nos últimos 40 mil anos”. Nossos antepassados não podiam ficar focados em um só objeto, pois se tornavam presa fácil para os predadores. O estado natural do cérebro é a mudança de foco contínua. Portanto,

Ler um livro era experimentar um processo não natural de pensamento, que exigia atenção continuada, ininterrupta, a um único objeto estático. Exigia leitores que se colocavam no que T. S. Eliot, em Quatro quartetos, chamaria “o ponto fixo do mundo em revolução”. Tinham que treinar seus cérebros para ignorar tudo o mais que estava ocorrendo ao seu redor, para resistir ao ímpeto de deixar seu foco saltar de um sinal sensorial para outro. Tinham que forjar ou fortalecer as ligações neurais necessárias para contrabalançar o seu estado de desatenção instintivo, aplicando um maior controle sobre a sua atenção. ‘A capacidade de se focar em uma única tarefa relativamente sem interrupções’, escreve Vaughan Bell, um psicólogo pesquisador do King’s College de Londres, representa uma ‘uma estranha anomalia na história do nosso desenvol-

vimento psicológico. (CARR, 2011, p. 94-95)

Atualmente, os computadores, *smartphones*, *tablets*, tornaram-se praticamente objetos necessários para todos os seres humanos. Vivemos em um mundo conectado vinte e quatro horas por dia, é possível acessar a *internet* a qualquer hora de qualquer lugar com as tecnologias 3g e 4g. Quando entramos em um site de um jornal por exemplo, além das manchetes, é possível encontrar propagandas que fazem com nossa atenção não fique somente no texto que, a propósito, geralmente contém *hyperlinks*. Assim como os nossos acendrais, porém não mais para nos defendermos dos predadores, tendemos a não focar pois podemos perder alguma notícia, ou alguma propaganda que apareceu repentinamente na tela do dispositivo pelo qual estamos acessando a internet. Tudo isso fez com que os textos tenham de ser escritos cada vez mais curtos, uma das redes sociais mais utilizadas no mundo, o *Twitter*, limita o tamanho do seu *tweet* a 140 caracteres, o que exige um grande poder de síntese.

2. *O microconto*

No mundo moderno, parece impensável uma pessoa ler *Ullisses* de James Joyce ou *Guerra e Paz*, de Lev Nikolayevich Tolstoi, devido a extensão desses livros. O conto “narrativa breve e concisa, contendo um só conflito, uma única ação (com espaço geralmente limitado a um ambiente), unidade de tempo, e número restrito de personagens” (HOUAISS, 2001) seria algo ideal para os dias de hoje, porém poucos autores lançam esse tipo de livro atualmente. Sobre isso Stephen King, um dos maiores escritores de terror e suspense da atualidade, que começou sua carreira escrevendo contos, comenta:

Muitos romancistas americanos best-sellers não escrevem contos. Duvido que seja uma questão de grana; financeiramente, escritores de sucesso não têm muito com que se preocupar. Talvez seja porque quando o mundo de um romancista em tempo integral encolhe para menos de, digamos, 70 mil palavras, uma espécie de claustrofobia criativa se instala. Ou então, porque, com o tempo, você simplesmente perde a capacidade de condensação. Muitas coisas na vida são como andar de bicicleta, mas escrever contos não é uma delas. *Dá pra esquecer como se faz.* (KING, 2011, p. 13)

Em 2010, a Academia Brasileira de Letras (ABL), lançou um concurso de microcontos pelo *twitter*. A ideia surgiu do próprio presidente da instituição, Marcos Vilaça. Para ele “a literatura precisa de espaço, de uma maior densidade. Consideramos este concurso um estímulo, uma

boa provocação para novos escritores”.⁹⁸ Para a avaliação, o concurso levou em conta o uso correto das normas gramaticais, coesão e ortografia. Por ser um concurso via *twitter*, os participantes tinham até 140 caracteres para escrever seu texto. Percebemos que o concurso era de *microcontos* e não de contos, o prefixo *micro* indica, segundo Antônio Houaiss (2001) “pequeno, curto; em pequena quantidade; pouco importante”, entendemos que se o conto já é considerado uma narrativa breve, o *microconto* seria uma narrativa brevíssima.

*O microconto funciona como uma espécie de intervenção literária minimalista, pois invade a vida digital e impõe-se, causando surpresa desde o primeiro momento. É também uma forma de estimular a leitura com cápsulas literárias de fácil publicação, rápida leitura, mas não necessariamente rápida compreensão, pelo contrário: a microliteratura é muito mais complexa do que pode julgar um olhar superficial – os textos sucintos têm como objetivo trazer um instante de reflexão em meio a toda a massa de informações – relevantes ou não – dos meios digitais. É como um estalo de consciência, um breve despertar da percepção e imaginário do leitor, que muitas vezes é pego de surpresa por estes textos tão inusitados.*⁹⁹

Questionamos os alunos dos cursos de graduação de letras português/inglês e português/literatura da Universidade Veiga de Almeida por meio de um questionário na página do *Facebook* do curso de letras da universidade se uma forma de escrita tão minimalista poderia ser considerada como literatura e a resposta foi unânime que sim.

O site *Redbit* propôs o seguinte desafio aos seus usuários: “Escrever um microconto de terror com apenas duas orações”, um sem número de pessoas respondeu, e é possível encontrar na internet uma seleção dos vinte melhores que foram enviados (cf. ANEXO). Utilizamos tal seleção para escolher o melhor, para isso, realizamos uma pesquisa via *Facebook* e *WhatsApp* onde se pediu que classificassem os microcontos com 6 estrelas para ótimo, 5 estrelas para muito bom, 4 estrelas para bom, 3 estrelas para regular, 2 estrelas para ruim, 1 estrela para muito ruim, o vencedor foi o microconto 13. Avaliaremos no microconto os meios pelos quais os autores utilizaram para suscitar a sensação de terror nos leitores, para tal destacaremos como o terror está presente no cinema, na música e

⁹⁸ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/abl-lanca-concurso-de-microcontos-pelo-twitter-3037078#ixzz4JhBhYXeW>>. Acesso em :12-09- 2016.

⁹⁹ Disponível em: <<http://www.jornalagora.com.br/site/content/noticias/detalhe.php?e=5&n=5&n=4036>>. Acesso em: 12-09-2016.

na literatura fazendo assim uma ponte para os temas escolhidos pelos autores.

3. O universo do terror

Sigmund Freud (1996) comenta que o tema do estranho se relaciona com o que é assustador e sugere que se faça uma pesquisa a fim de descobrir que significados vieram a ligar-se com a palavra estranho no decorrer da história. A etimologia da palavra estranho, segundo Houaiss (2009), é “lat. *extranèus, a, um* 'que é de fora', de *extra*”, logo, entendemos o porquê de tantos filmes, séries e livros tratarem de assuntos sobrenaturais, que estão fora da nossa compreensão.

Desde o primeiro gênero literário, a epopeia, há a presença de deuses que definem o destino dos personagens. A tragédia grega, que tem suas origens na epopeia, segue o mesmo esquema. Na tragédia de Sêneca, que foi inspirada nas tragédias gregas, há ainda a presença do sobrenatural, e, como afirma Zélia de Almeida Cardoso (2005, p. 34) “cenas escabrosas, de horror e violência permeiam os textos”. No romantismo, o tema sobrenatural foi fortemente utilizado. Os escritores românticos não estavam interessados no comum, mas sempre buscando o estranho e o desconhecido. Em 1798, foi publicado o livro que deu origem ao romantismo na Inglaterra, *Lyrical Ballads*, escrito por William Wordsworth e Samuel Taylor Coleridge. No livro, encontra-se o poema *The Rime of the ancient Mariner*, escrito por Samuel Taylor Coleridge, que narra a história de um marinheiro que matou um albatroz. No poema, encontramos muitos elementos sobrenaturais como um navio esqueleto, a morte que joga dados com o marinheiro, os espíritos que saem dos corpos dos membros da tripulação. Os escritores de terror mais importantes são Mary Shelley, criadora do Frankenstein; Edgar Allan Poe, autor de poemas como "O Corvo" e "O Gato Negro", Howard Philips Lovecraft, que foi muito influenciado por Edgar Allan Poe e Bram Stoker [Abraham Stoker], autor de Drácula. Mais recentes: Stephen King, Neil Gaiman e George Raymond Richard Martin.

Na indústria cinematográfica, é lançado um sem número de filmes de terror por ano. Apesar disso, nunca um filme com essa temática ganhou o Oscar de melhor filme. Os diretores mais importantes de filmes de terror são Alfred Hitchcock, que dirigiu clássicos como *Psicose* e *Os Pássaros*; George Romero, diretor da série de filmes *Os Mortos Vivos*. Em 1999, o filme de terror em forma de documentário *A Bruxa de Blair*

(The Blair Witch Project) foi um grande sucesso de bilheteria. O filme não utiliza a câmera objetiva, que seria como uma narrativa em terceira pessoa, e sim a subjetiva, o público assiste ao filme pelo olhar dos personagens. De acordo com Marcel Martin (2007), esse tipo de câmera faz com que o espectador mergulhe no psicológico do personagem. Desde então diversos filmes de terror utilizam esse tipo de câmera, dentre os quais destacamos *Rec* e *Atividade Paranormal (Paranormal Activity)*.

Em 1963, chegava aos cinemas um filme italiano de terror *As Três Máscaras do Horror (I Tre volti della paura)*, cuja tradução para o inglês é *Black Sabbath*, nome que inspirou uma das bandas de rock mais famosas de todos os tempos, conhecida por terem os pioneiros do estilo musical que ficou conhecido como *Heavy Metal*. A banda inglesa *Black Sabbath*, de acordo com Ian Christie (2010), cultivava uma imagem horripilante e utilizava temas como bruxaria e cruzes prateadas, o que lhes rendeu a fama de serem satanistas. Outra banda inglesa de sucesso mundial, que utiliza o terror em suas canções, é a *Iron Maiden*, um dos maiores sucessos da banda *Medo do escuro (Fear of the Dark)* é sobre nictofobia. O sétimo álbum da banda, “*Seventh son of a seventh son*”, narra a história do sétimo filho do sétimo filho que teria poderes sobrenaturais. O tema do álbum foi inspirado no livro *Sétimo Filho*, de Orson Scott Card.

O Iron Maiden adotou truques de palco dramáticos: máquinas de fumaça e assustadores objetos cênicos caseiros. Tirando vantagem de seu entorno, o show de horrores do Iron Maiden evocava medos tão tipicamente ingleses como as mais assustadoras produções da Hammer Films dos anos de 1960 e os artefatos de tortura medieval exibidos na Tower of London. Tudo era curioso e macabro ao mesmo e, claro, divertido. (CHRISTIE, 2010, p. 52)

Mas, sem dúvidas, é *King Diamond*, vocalista da banda *Mercyful Fate*, quem mais utiliza o tema do terror. Todos os seus álbuns são conceituais e contam histórias de terror. O álbum de maior sucesso do músico é *Abigail*, que tem a sequência *Abigail II*. Os álbuns contam a história de um jovem casal, Miriam Natias e Jonathan La'Fey, que se mudam para uma mansão antiga que La'Fey herdara. A história se passa no verão de 1845. Ao chegarem, eles são avisados por sete cavaleiros para não entrarem na casa, eles não acatam o aviso e entram na mansão. Durante a primeira noite, Jonathan se reúne com o Conde La'Fey. Um fantasma lhe mostra um caixão em que há um cadáver de uma criança morta: Abigail descansa. O fantasma informa que Miriam está grávida e que a criança carrega o espírito de Abigail. Ele insiste que Jonathan deve matar Miriam imediatamente para evitar o renascimento.

4. Microcontos de terror

No livro *A Filosofia da Composição*, Edgar Allan Poe (2009) comenta que uma obra deve ser lida de uma assentada, pois, assim o leitor não perde o efeito imensamente importante que se deriva da unidade de impressão. Na obra, o autor conta como cria seus trabalhos literários

Eu prefiro começar com a consideração de um efeito. Mantendo *sempre* a originalidade em vista, pois é falso a si mesmo quem se arrisca a dispensar uma fonte de interesse tão evidente e tão facilmente alcançável, digo-me, em primeiro lugar: "Dentre os inúmeros efeitos ou impressões a que são suscetíveis o coração, a inteligência ou, mais geralmente, a alma, qual irei eu, na ocasião atual escolher?". Tendo escolhido primeiro um assunto novelesco e depois um efeito vivo, considero se seria melhor trabalhar com os incidentes ou com o tom – com os incidentes habituais e o tom especial, ou com o contrário, ou com a especialidade tanto dos incidentes, quanto do tom – depois de procurar em torno de mim (ou melhor, dentro) aquelas combinações de tom e acontecimento que melhor me auxiliem na construção do efeito. (POE, 2009, p. 114)

Ou seja, a obra é escrita juntando todos os elementos com o intento de causar o efeito final. O enredo da narrativa é pensado do final para o início, de forma que tudo é direcionado ao impacto final. Percebemos que o universo do terror é constituído, desde o romantismo em 1798, pela presença do sobrenatural, seja com vampiros, fantasmas, bruxas, monstros e demônios. Tudo isso faz parte da *Enciclopédia do Terror*, e será usado pelos autores para suscitar o terror nos leitores. Aqueles que enviaram seus microcontos para o desafio do site *Redbit* tinham como alvo os amantes de histórias de terror, uma vez selecionado o público alvo, os autores ao escrever seus microcontos, segundo Umberto Eco (2011, p. 41), “Farão com que todo termo, que toda maneira de dizer, que toda referência enciclopédica, seja aquilo que previsivelmente o seu leitor pode entender”.

Nós, autores, usamos a melhor armadilha que a natureza inventou até hoje para levar esse sentimento ao extremo: o seu lindo, cheiroso e delicioso cérebro. Ao decodificar nossas palavras, você, leitor, melhor que um diretor de cinema, vai compondo o cenário e criando os detalhes que mais te apavoram e que eu jamais adivinharia, e vai incrementando toda aquela assombrosa visão adicionando elementos à narrativa que eu nem mesmo pensei. Se eu escrevo que existe um monstro debaixo da sua cama, sem dizer o que é, você logo materializa ali o seu maior temor. Baratas, ratos, grilos, cobras, lagartos e palhaços passam a habitar quase que instantaneamente aquele mundo debaixo do seu colchão sem nenhuma vez você adivinhar, até que leia as minhas letras ajuntadas que o que se escondia ali debaixo era uma mão decepada que, de forma mística, tinha ganhado vida, se arrastado por ruas e calçadas, de alguma

forma, escalado paredes e entrado por sua janela enquanto você, alheio, lia as atualizações do Facebook ou jogava o proibidão Flappy Bird. Pois é, agora, enquanto você dorme, a mão está lá, esperando a hora certa para deixar o esconderijo escuro, dedilhar ao seu lado e dar um bote agarrando o seu pescoço.¹⁰⁰

5. *Análise do microconto*

Dos vinte microcontos que circulam pela internet, fiz uma pesquisa via redes sociais a fim de descobrir o melhor. Pedi para que classficassem de uma a seis estrelas, sendo uma muito ruim e seis muito bom. O escolhido foi o 13. Para avaliar um microconto, de acordo com Damiana Maria de Carvalho (2016) “procuramos personagens, conflito, narrativa, humor, dramaticidade, intertextualidade ou pelo menos um final enigmático, tudo de forma muito concisa. Entre o escrito e o sugerido, nasce o microconto de impacto”. O sugerido, seria o que Umberto Eco (2011) chama de não dito.

Não dito significa não manifestado em superfície, a nível de expressão: mas é justamente este não dito que tem de ser atualizado a nível de atualização de conteúdo. E para este propósito um texto, de uma forma ainda mais decisiva do que qualquer outra mensagem, requer movimentos cooperativos, conscientes e ativos da parte do leitor. (ECO, 2011, p. 36)

Eis o microconto escolhido:

Estava cobrindo meu filho quando ele me diz: “Papai, vê se não têm monstros debaixo da cama”. Para agradá-lo, olhei embaixo da cama e o vi, outro dele, embaixo da cama, olhando para mim, tremendo e murmurando: “Papai, tem alguém na minha cama”.¹⁰¹

Temos três personagens nessa história, o pai, o filho e uma duplicação do filho, o conflito se estabelece na dúvida que o efeito da duplicação do filho cria tanto para o pai quanto o leitor qual será o filho verdadeiro? o autor narra uma situação que faz ou fez parte do cotidiano das pessoas que tem filhos. Para criar o mesmo efeito que a câmera subjetiva cria no cinema, ou seja, olhar a cena pelos olhos do personagem, o autor utilizou a narração em primeira pessoa, percebemos isso pelo uso dos verbos na primeira pessoa “estava” e “vi”, pelo pronome possessivo “meu” e pelo pronome oblíquo “mim”.

¹⁰⁰ Disponível em: <<http://www.rocco.com.br/nao-dividam-o-grupo>>. Acesso em: 12-09-2016.

¹⁰¹ Há um curta metragem sobre esse microconto que pode ser visto no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?V=Y7_xQgXh1vM>.

O texto nos sugere, apesar de no texto não aparecer a palavra quarto, que a ação se passa em um quarto pela locução verbal “estava cobrindo” e pelo uso da palavra “cama”. Entendemos que era noite, pois a criança estava indo dormir, e sabemos que tal comportamento de ter medo e pedir para os pais olharem embaixo da cama é comum em crianças pequenas, logo, supomos que a criança deve ter entre 4 e 6 anos. Entendemos que o pai seja amável com o filho, pois foi olhar embaixo da cama “somente para agradá-lo”, e que ele por ser adulto não acredita em fantasmas e o fato de encontrar um “outro ele” embaixo da cama, fez com que ele sentisse medo. Notamos que o pai não achou nenhuma diferença entre a criança que estava na cama e seu próprio filho, também fica refutada a ideia de a criança ter um irmão gêmeo, pois caso fosse a criança não estaria com medo embaixo da cama. Entendemos que só há um filho, pois se houvesse outro, a narração começaria por identificar a criança como filho mais velho ou filho mais novo, mas não podemos afirmar que não haja uma filha.

6. Considerações finais

Apesar de existirem poucos trabalhos sobre o tema, é possível encontrar livros que utilizam o microconto como forma de escrita. Neil Gaiman no livro de contos *Coisas Frágeis 2* escreve o conto "Meninas Estranhas", utilizando vários microcontos. Portanto, acreditamos que essa nova realidade de escrita ganhará cada vez mais espaço entre os escritores contemporâneos.

Por trabalhar com a técnica da síntese, os microcontos aparecem também como uma ótima ferramenta para trabalhar tal competência nas escolas. Pode-se realizar concursos nas instituições de ensino similares como o que foi proposto pela Academia Brasileira de Letras, o que integraria a escola com as redes sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Zélia de Almeida. *Estudos sobre as tragédias de Sêneca*. São Paulo: Alameda, 2005.

CARR, Nicholas G. *A geração superficial: o que a internet está fazendo com nossos cérebros*. Trad.: Mônica Gagliotti Fortunato Friaça. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

ANEXO:

MICROCONTOS DE TERROR¹⁰²

1. Acordei com um barulho de batidas em algum vidro. Primeiro, pensei que o som viesse da janela, até que ouvi o som vindo do espelho outra vez.
2. A última coisa que eu vi foi o meu despertador mostrado que eram 00:07 antes que ela atravessasse suas longas unhas podres em meu peito, com a outra mão abafando meus gritos. Me sentei na cama, aliviado que era só um sonho, mas quando vi no despertador que eram 00:06, ouvi aporia do roupeiro se abrir.
3. Por ter crescido com gatos e cães, acabei me acostumando com sons de arranhões na porta enquanto eu dormia. Agora que moro sozinho, isso é mais perturbador.
4. Em todo o tempo que morei nessa casa, juro por Deus que já fechei mais portas do que abri.
5. Uma garota ouviu sua mãe chamá-la do andar de baixo. Quando ela estava saindo do quarto, em direção às escadas, sua mãe puxou-a de volta para o quarto e disse: “eu também ouvi isso.”
6. Ela me perguntou por que minha respiração estava tão pesada. Não estava.
7. Minha mulher me acordou noite passada para me dizer que tinha um invasor em nossa casa. Ela foi assassinada por um invasor há dois anos.
8. Acordei-me com o som da babá eletrônica do quarto do meu filho mostrando uma voz o confortando. Quando me virei na cama, meu braço roçou em minha mulher, dormindo ao meu lado.
9. Sempre estranhei como minha gata olha fixamente para mim – parecia sempre olhar fixamente para o meu rosto. Até que, um dia, notei que ela estava sempre olhando para trás de mim.
10. Não há nada como o riso de um bebê. A menos que seja 1 da manhã e você esteja sozinho em casa.
11. Eu estava tendo um sonho agradável quando o som de algo que pareciam ser batidas de martelo me acordou. Depois disso, mal pude ouvir o som da terra cobrindo o caixão, por causa dos meus próprios gritos.
12. “Não consigo dormir”, ela disse, deitando na cama comigo. Acordei com frio, segurando o vestido no qual ela foi enterrada.

¹⁰² Disponível em: <<http://notaterapia.com.br/2016/06/30/os-incriveis-micro-contos-de-terror-em-duas-frases-da-pra-assustar-com-tao-pouco>>. Acesso em: 01-09-2016.

13. Estava cobrindo meu filho quando ele me diz: “Papai, vê se não têm monstros debaixo da cama.” Para agradá-lo, olhei embaixo da cama e o vi, outro dele, embaixo da cama, olhando para mim, tremendo e murmurando: “Papai, tem alguém na minha cama.”
14. Você chega em casa cansado depois de um longo dia de trabalho, querendo relaxar um pouco sozinho. Você vai acender a luz, mas quando se aproxima do interruptor, já tem outra mão sobre ele.
15. Não consigo me mexer, respirar, falar nem ouvir nada aqui e é tão escuro o tempo todo. Se eu soubesse que seria tão solitário assim, teria preferido ser cremado.
16. Ela subiu as escadas para ver como estava o seu bebê. A janela do quarto estava aberta e a cama vazia.
17. Eu nunca durmo. Mas não paro de acordar.
18. Minha filha não para de chorar e gritar no meio da noite. Eu visito o túmulo dela e peço para ela parar, mas não adianta.
19. Depois de trabalhar o dia todo, chego em casa e vejo minha namorada abraçada com nosso bebê. Não sei o que foi mais assustador, ver a minha namorada morta e nosso filho que nasceu morto ou saber que alguém invadiu o meu apartamento e os colocou lá.
20. Tinha uma foto de mim mesmo dormindo em meu telefone. Eu moro sozinho.